

Revista Mídia e Cotidiano  
Artigo Seção Temática/Livre  
Volume 11, Número 2, agosto de 2017  
Submetido em: 30/05/2017  
Aprovado em: 10/08/2017

## A HIPNOCRISE DO HOMEM-APARELHO

### *THE HYPNOCRISIS OF THE GADGET-MAN*

Filipe Galvão<sup>1</sup>

CRARY, Jonathan. E-book. **24/7: Capitalismo Tardio e os fins do sono**. São Paulo: Ed. Cosac Naif, 2014.

#### **Resumo:**

O livro “24/7: Capitalismo Tardio e os Fins do Sono” de Jonathan Crary aborda as consequências das mudanças estruturais da sociedade globalizada e hiperconectada. Relacionando elementos aparentemente desconexos como fisiologia, mídias sociais e consumo, o autor desenha o paradigma do controle cibernético: a modulação de um tempo impossível à vida.

**Palavras-chave:** Capitalismo; Aparelhos-eletrônicos; Comunicação.

#### **Abstract:**

Jonathan Crary's book "24/7: Late Capitalism and the Ends of Sleep" addresses the consequences of structural changes in globalized and hyperconnected society. Relating apparently disconnected elements like physiology, social media and consumption, the author draws the paradigm of cyber control: a modulation of an impossible time to life.

**Keywords:** Capitalism; Electronic-devices; Communication.

---

<sup>1</sup> Graduado em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal Fluminense, UFF / filipe.ferreira.galvao@gmail.com

## Resenha 24/7: Capitalismo tardio e os fins do sono

Privação do sono, exorcismo da alteridade, estados de desamparo e submissão, consumo ininterrupto, isolamento social, impotência política: o presente retratado por Jonathan Crary em “24/7: Capitalismo Tardio e os Fins do Sono” é bem diferente das escolas-fábricas flutuantes<sup>2</sup> de Flusser onde a dupla sapiência do *Homo sapiens sapiens* se concretizaria. Ao contrário, Crary apresenta um pesadelo labiríntico onde a relação com a técnica e seus aparelhos se dá por supressão das capacidades de escolha, no mergulho neurótico e sem fundo na autopoiesis obrigatória da modelagem de si e na modulação alucinada de um tempo para o qual a vida é cada vez mais obsoleta.

O livro do professor de Arte Moderna e Teoria da Columbia University analisa as consequências da globalização neoliberal e da transformação da vida em mercadoria inadequada ao presente. Não um presente qualquer, mas um presente em constante guerra contra a fisiologia humana, contra a percepção dilatada de tempo e suas pausas, intervalos, quebras e zonas escuras. Um presente implacável de blocos de 24 horas ininterruptas por semana que se repetem indefinidamente.

O recorte do tempo em 24/7 – modo de existência que subentende um funcionamento contínuo, uma duração sem descanso – aparece no livro de Crary como tecnologia biopolítica de governança. Esse modo de existência em que produção, consumo, circulação e comunicação são processos ininterruptos e hiperacelerados é o encontro nodal para uma miríade de reflexões do autor sobre as implicações das transformações que o capitalismo empreendeu na vida humana em todos os seus aspectos, sejam eles culturais, rituais ou fisiológicos. Os ritornelos que Crary consegue – e precisa - estabelecer entre temas tão variados como o manual de tortura do Pentágono, a

---

<sup>2</sup> Em seu texto “A Fábrica”, o filósofo tcheco-brasileiro Vilém Flusser elabora os distintos períodos históricos do *Homo faber* e identifica a constituição do tempo contemporâneo na 3ª Revolução Industrial, ainda em andamento, na qual as máquinas serão substituídas pelos aparelhos eletrônicos. Os aparelhos, imitação neurofisiológica das mãos humanas, produzem o sujeito relacional que Flusser denomina como homem-aparelho-eletrônico. Flusser brinca, em termos arquitetônicos e topológicos, com os aspectos das fábricas futuras onde os homens-aparelho produzirão e serão produzidos, imaginando-as ora como objetos flutuantes semimateriais, ora assentadas no chão, ora completamente imateriais. Uso desses paralelos porque a relação entre humanidade e aparelhos eletrônicos é um elemento central na argumentação do conceito de 24/7 de Jonathan Crary.

contrarrevolução neoliberal da década de 1980, o boom da comercialização de computadores pessoais, o modernismo e canários em migração são uma série interconectada de eventos que trazem em si um percurso da exigência impossível de um alinhamento temporal entre fisiologia e capitalismo cibernético.

É a guerra da inscrição total da vida humana em um modelo não-humano de duração, exposição e eficiência. Os paralelos de Crary entre a sociedade de controle<sup>3</sup> que pretende a administração total da vida e a evolução de técnicas de tortura podem parecer extremos, mas estão longe de exagerar a realidade. A fundação de um modo-de-vida em funcionamento 24/7 subentende a deterioração da experiência cotidiana e da capacidade de autonomia. Como na tortura: deve-se quebrar o sujeito. A violência é modulada a fim de alcançar a quebra fisiológica (fim do sono, indução de evacuação) e psíquica (humilhação, desorientação). Tal qual as simulações de afogamento em Guantánamo, o capitalismo tardio usa da tortura como técnica de governança, como máquina-desreguladora. Máquina que modula outras máquinas (corpo, desejo, pensamento, etc.) a níveis de funcionamento insuportáveis. A lógica é da produção de pane por excesso, por encurtamento dos períodos de respiração, recuperação, frenagem, reconstituição. A máquina-desreguladora do 24/7 estabelece um estado de sempre-vigília, sempre-luz, sempre-som, sempre-dia, que empurram a vida para o limite do biologicamente possível. A guerra à vida, portanto, é também a guerra a tudo que interrompe o fluxo de produção, comunicação, circulação e consumo de mercadorias no mundo global. O capitalismo tardio é o reino do panopticismo biossocial: inimigo de toda sombra, toda pausa, toda zona escura. 24/7 é fluxo e exposição ininterruptos.

O único elemento vivo - que frequente e teimosamente interrompe o funcionamento do 24/7 - sob o qual o capital ainda não teria total controle administrativo é o sono. É, então, nos fins do sono – término e utilidades – que o teórico lança suas âncoras para que não seja tragado pela correnteza acelerada do presente. O sono – do

---

<sup>3</sup> A atualização das sociedades disciplinares de Foucault para as sociedades de controle de Deleuze acontece por uma transição dos “moldes” de confinamento para a “modulação” de controle, produção e autovigilância constantes. As máquinas operativas dessa sociedade são, segundo Deleuze, as máquinas de informática e computadores.

grego *Hypnos* - aparece como uma espécie de última trincheira, esquecido e escamoteado por sua incapacidade em ser mercadorizado. Esse baixo valor comercial garantiria ao sono certa resistência ao domínio do capital.

Crory escreve sobre destroços. Apoiado em um elenco de filósofos, escritores e cineastas e revolucionários que vão de Guy Debord a Leon Trotsky, de Harold Bloom a Chantal Akerman, passando por André Breton, Ernst Bloch, Deleuze e Guatarri, o livro se aprofunda em um diagnóstico da dissolução de elementos constitutivos da comunidade humana. Aqui, o vínculo entre “comunidade” e “comunicação” é central. O autor põe em dúvida a neutralidade da circulação em rede de dados, informação, personas, utopias e moedas. A estrutura comunicacional das redes sociais contribui para a manutenção do presente eterno da sociedade de controle, sendo o espaço ideal para o exercício das “agências de polícia da ordem global” onde “vigilância estatal, sabotagem e manipulação” são muito mais fáceis do que nas comunidades reais, onde encontros reais acontecem” (CRARY, 2015, ebook).

A presente comunicação por aparelhos acarretaria em uma comunidade de aparelhos ou, como propõe Flusser, de homens-aparelhos-eletrônicos. A constituição de sujeitos isolados entre si, ligados a outros aparelhos, subjetivados como softwares programáveis seja pela tortura, seja pela manipulação genética e neuroquímica, seja pela arquitetura ou modulação do tempo, aliena a humanidade de suas faculdades de empatia e cuidado, características fundamentais para formas de gestão do comum. As consequências, entre outras, são a impossibilidade da construção ou resgate de espaços públicos de subjetivação coletiva, o exercício da democracia direta e a capacidade de dormir. Cada vez mais precisa-se recorrer a drogas, remédios e hipnoses para alcançar o sono. A administração eletrônica das rotinas e fluxos de informação, própria da comunicação em rede do capitalismo tardio, deteriora a partilha e zelo pelo comum e transfere aos aparelhos a gestão total da vida. A partir daí a reificação é notada também no sono que vai se tornando um estado de suspensão, hibernação. Aos poucos os homens-aparelhos assimilam o sono como modo de consumo reduzido e prontidão e a última porção viva ainda não privatizada vai sendo colonizada pelo capital.

O livro de Jonathan Crary é o cenário real onde existem os homens-aparelhos eletrônicos de Flusser. O capitalismo tardio é, afinal, a vida humana tornada fábrica. Ao contrário do que conjecturou o filósofo tcheco, porém, é um mundo que acentua a alienação do *Homo faber* e aprofunda sua condição de variante em relação à tecnologia. Se antes o homem era a variável substituível diante da máquina, agora, na relação com os aparelhos eletrônicos, ele se torna elemento desprezível e incompatível com a atualização ininterrupta dos aparelhos eletrônicos. Aqui entra em jogo algo que Flusser não elaborou e que para Crary parece central: a obsolescência. É como se, tornado obsoleto diante das exigências antibiológicas do tempo e vida modulados em 24/7, ao *Homo faber* restasse o papel de constante incapaz com a qual os aparelhos eletrônicos estabelecem ligações de catálise, acelerando ao limite a inépcia da vida para as exigências do hiperconsumo, hiperiluminação e hiperaceleração do capitalismo cibernético.

### Referências

CRARY, Jonathan. E-book. **24/7: Capitalismo Tardio e os fins do sono**. São Paulo: Ed. Cosac Naif, 2014.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Ed. 34, 1992.

FLUSSER, Vilém. **O Mundo Codificado: por uma filosofia do design e da comunicação**. São Paulo: Ed. Cosac Naif, 2007.